

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO (PUC-SP)  
Pós-Graduação *Lato Sensu* “História, Sociedade e Cultura”

PEDRO PAULO DA SILVA

Uma denúncia conservadora da escravidão:  
leitura de *Simeão, o Crioulo*, de Joaquim Manuel de Macedo

SÃO PAULO  
2009

PEDRO PAULO DA SILVA

Uma denúncia conservadora da escravidão:  
leitura de *Simeão, o Crioulo*, de Joaquim Manuel de Macedo

Artigo apresentado ao Programa de Pós-graduação *lato sensu* “História, Sociedade e Cultura” da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, para obtenção do Título de Especialista em História, sob orientação do Prof. Dr. Josias Abdalla Duarte

SÃO PAULO  
2009

SILVA, Pedro Paulo da. “Uma denúncia conservadora da escravidão: leitura de *Simeão, o Crioulo*, de Joaquim Manuel de Macedo”. São Paulo, Pontifícia Universidade Católica, 2009.

**RESUMO:**

O artigo pretende contextualizar o discurso que permeia a novela *Simeão, o crioulo* de Joaquim Manuel de Macedo e sugerir uma análise das relações entre a postura desse escritor romântico e as ideias abolicionistas da década de 1870 no Brasil.

**PALAVRAS-CHAVE:**

Joaquim Manuel de Macedo; Literatura; Romantismo; Escravidão; Abolicionismo

**ABSTRACT:**

This paper intends to contextualize the discourse of Joaquim Manuel de Macedo's *Simeão, o Crioulo* and suggests an analysis of the relationship between this romantic writer opinion and the abolitionist ideals in the 1870's decade in Brazil.

**KEYWORDS:**

Joaquim Manuel de Macedo; Literature; Romanticism; Slavery; Abolitionism.

## *Introdução*

Observar a biografia de Joaquim Manuel de Macedo é reconhecer que o escritor foi um intelectual multifacetado no Brasil do século XIX, atuando em várias frentes: a literatura, o jornalismo, a política e a educação. Foi o responsável pela fixação do romance de folhetim com a publicação de *A Moreninha* em 1844. Na política, foi militante do Partido Liberal, tendo sido eleito deputado provincial, com quatro mandatos na década de 1850, e deputado geral em 1864-1868 e 1873-1881. Na área da educação foi professor de História e Geografia do Colégio Pedro II e escreveu, em 1851, suas *Lições de História do Brasil*. Na imprensa, foi jornalista e cronista (principalmente no *Jornal do Commercio*) e fundou a revista *Guanabara* em 1849, ao lado de Araújo Porto-Alegre e Gonçalves Dias. Além disso, o escritor teve participação importante junto ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) chegando ao cargo de orador oficial e vice-presidente da instituição na década de 1860.<sup>1</sup>

Na década de 1860, Macedo ainda estava escrevendo romances no estilo folhetinesco que o celebrou, mas a publicação da série de três novelas que tratam da condição depravadora da escravidão destoa de sua obra. Diferentemente dos folhetins, *As Vítimas-Algozes* evidencia a atuação política do autor (a abolição já era assunto dentro do Partido Liberal, no qual atuava) e revela um pouco do discurso sobre o abolicionismo da época (a escravidão criaria vítimas-algozes, isto é, seres oprimidos, mas com uma imoralidade e violência que poderiam ser direcionadas às elites).

Publicadas em 1869, as novelas *Simeão, o crioulo, Pai Raiol, o feiticeiro* e *Lucinda, a mucama*, unidas pelo subtítulo de “quadros da escravidão”, giram em torno de crimes cometidos por escravos contra seus senhores, narrados num tom que lembra o de um jornal sensacionalista. No prefácio intitulado “Aos nossos leitores”, o narrador (cuja voz se confunde, em alguns momentos, com a imagem do Macedo escritor, político e homem de seu

---

<sup>1</sup> Sobre a biografia de Joaquim Manuel de Macedo é possível encontrar informações muito relevantes na Rede da Memória Virtual Brasileira desenvolvida pela Fundação Biblioteca Nacional no endereço: <http://bndigital.bn.br/redememoria/bio-joaquimmanuel.html> e no site da Academia Brasileira de Letras: <http://www.academia.org.br>.

tempo) alerta que a obra não é mero fruto da imaginação, mas resultado de matéria colhida no cotidiano: “Queremos agora contar-vos (...) histórias verdadeiras que todos vós já sabeis”<sup>2</sup>. Embora esse tipo de afirmação constituísse uma das sensíveis marcas do folhetim daqueles tempos, um elemento retórico para mostrar como a literatura seguia próxima do ‘mundo real’, no caso desta obra, o tom se justifica também devido ao fato de que casos de crimes como os narrados aparecessem nos jornais da época com certa frequência.

Neste artigo, nossa atenção recairá sobre o enredo e o discurso que permeia a primeira narrativa do volume: *Simeão, o crioulo*.

### *A fatal condição depravadora*

*Simeão, o crioulo* narra a história do escravo acolhido por uma tradicional família escravagista, que vai paulatinamente se transformando no algoz de seu senhor. A preocupação do narrador é destacar as ações das personagens e comentá-las à luz de sua tese: a de que a escravidão deve acabar não por razões humanitárias, mas porque essa instituição corrompe o escravo, impingindo-lhe a violência contra o senhor como a forma de se livrar – como caracteriza o narrador – dessa “fatal condição depravadora”.

O primeiro capítulo da novela apresenta o cenário onde os escravos se encontram: a venda. É nela que os cativos se reúnem para beber, brigar, falar mal dos senhores e planejar crimes contra eles. O narrador apresenta todo esse cenário sempre num tom de advertência, como se estivesse a todo momento dizendo: “fiquem alertas”. Esse tom ao longo de toda a novela é que nos permitirá criar uma imagem do leitor da obra: Macedo parece criar um destinatário muito específico para sua obra: as classes escravistas. Por meio dos comentários do narrador, percebe-se claramente o discurso e a quem ele se dirige.

Na construção do espaço da narrativa há uma importante polarização: de um lado, a fazenda, local da família; de outro, a venda, local das tramas dos escravos. Esta é a imagem recorrente no texto: o elemento interno (a “honrada família”) versus o elemento externo (o escravo), um inimigo sempre à espreita: “porque o escravo, por melhor que seja tratado, é em regra geral, pelo fato de ser escravo, sempre e natural e logicamente o primeiro e mais rancoroso inimigo de seu senhor”.

---

<sup>2</sup> Todos os trechos de Macedo foram extraídos de: MACEDO, Joaquim Manoel de. *As vítimas-algozes*. São Paulo: Scipione, 1991. A obra completa também está disponível no site: [http://pt.wikisource.org/wiki/As\\_Vítimas-Algozes](http://pt.wikisource.org/wiki/As_Vítimas-Algozes).

As personagens circulam por esses dois espaços e Simeão é o único elemento que tem acesso aos dois polos, o que constituiria, segundo o narrador, uma ameaça para a família do senhor. Desde cedo, o mundo de Simeão é dividido: tem acesso à cozinha (onde as escravas ensinaram-lhe o ódio contra os senhores) e à sala (onde ficava sabendo tudo sobre a família). Embora esse fato pudesse ser fator para um adensamento psicológico da personagem, não é isso que ocorre; a personagem é construída sem nenhuma complexidade psicológica e suas atitudes são moldadas simplesmente pela sua condição de escravo. O título da novela já evidencia essa falta de complexidade, ao ressaltar uma característica física da personagem.

A Simeão teria sido prometida a alforria quando da morte de seu senhor, Domingos Caetano. A narrativa acompanhará a expectativa da personagem, que passa a desejar a morte de seu senhor, Domingos Caetano, que constituiria a condição para sua liberdade. Depois de algum tempo adoentado, morre o senhor, deixando em testamento o destino daquele escravo mais próximo da família. A promessa de que seria alforriado era agora mudada: deveria esperar a morte da senhora, D. Angélica, fato que só aumentou seu ódio: “Dar por prazo de liberdade a morte de alguém é excitar um apetite de hiena no coração do escravo, é fazê-lo aspirar à morte de quem enquanto vivo lhe dera alforria”.

Algumas semanas depois, próximo do aniversário de Simeão, a filha de Domingos, Florinda, cogita a ideia de alforriar o escravo. Não lhe contam nada, tentando fazer surpresa. Era tarde demais: o escravo “íngrato e perverso maquinava um crime horrível inspirado pelo demônio da fatal condição depravadora”. No domingo à noite, ajudado por outros escravos domésticos, Simeão invade a casa-grande e mata D. Angélica, estupra Florinda e foge levando todo o dinheiro da fazenda. Ferido, o escravo acaba sendo preso e é condenado à força.<sup>3</sup>

A novela, porém, não termina aí: o escritor apresenta uma “Conclusão” em que justifica o ato de Simeão como fruto da sua condição de escravo. Espécie de chave de interpretação da obra, o trecho possibilita uma discussão bastante profícua do imaginário da época, e por isso mesmo, merece ser transcrito:

O crime espantosamente horrível não ficou impune. (...) Simeão subiu à forca; estrebuchou e morreu debaixo dos pés do carrasco. (...) Tudo isto é profundamente imoral e perverte a sociedade. É imoral a sociedade que mata; porque ensina a matar. (...) É imoral, e deforme; porque é imoral e deforme toda a sociedade, toda a nação, todo o império que conserva e mantém em seu seio a escravidão.  
Concluamos.

---

<sup>3</sup> A historiadora Célia Marinho de Azevedo aponta “uma lei geral de 1835 que previa a pena de morte para os escravos que atentassem contra a vida de seus senhores e feitores” (*Onda Negra, Medo Branco*, p. 181).

Simeão foi o mais ingrato e perverso dos homens. Pois eu vos digo que Simeão, se não fosse escravo, poderia não ter sido nem ingrato, nem perverso. (...) Entre os escravos a ingratidão e a perversidade fazem a regra; e o que não é ingrato nem perverso entra apenas na exceção. Porquanto, e todos o sabem, a liberdade moraliza, nobilita, e é capaz de fazer virtuoso o homem. E a escravidão degrada, deprava, e torna o homem capaz dos mais medonhos crimes.

A lei matou Simeão na forca.

A escravidão multiplica os Simeão nas casas e fazendas onde há escravos.

Este Simeão vos horroriza?... Pois eu vos juro que a forca não o matou de uma vez; ele existe e existirá enquanto existir a escravidão no Brasil. Se quereis matar Simeão, acabar com Simeão, matai a mãe do crime, acabai com a escravidão.

A forca que matou Simeão é impotente, e inutilmente imoral.

Há só uma forca que vos pode livrar dos escravos ingratos e perversos, dos inimigos que vos cercam em vossas casas.

É a forca santa do carrasco anjo: é a civilização armando a lei que enforque para sempre a escravidão.

### *Vítimas e algozes em ação*

As críticas à escravidão, até meados do século XIX, mobilizavam apenas uma parcela muito ínfima da população brasileira e por isso mesmo ainda não se pode falar exatamente em um movimento abolicionista organizado até esse período. Na década de 1860, entretanto, o abolicionismo ganharia ímpeto nos principais centros urbanos do país e seria assunto discutido pela grande imprensa e considerado pela opinião pública.

Isso se deve a alguns fatores dentre os quais se destacam as transformações trazidas pelo fim do tráfico negreiro e o surgimento de uma ala favorável à abolição dos escravos dentro do Partido Liberal (especialmente no período posterior à criação da Liga Progressista). Além disso, o imperador D. Pedro II já havia levantado a discussão sobre a emancipação dos escravos na sua *Fala do Trono* em 1865, voltando ao assunto em 1867 e 1868. Entre maio e julho de 1869, projetos de lei em favor da emancipação foram apresentados na Câmara dos Deputados. No fim da década, o ocaso da Guerra do Paraguai serviu como catalisador para o debate, amenizado, de certa forma, pela aprovação da Lei do Ventre Livre, em 1871.<sup>4</sup>

Na produção literária até esse período, o escravo foi uma figura cuja representação pode ser caracterizada como problemática.

---

<sup>4</sup> Sobre esse conturbado período, consultar COSTA, Emília Viotti da. *A Abolição*. 8ª ed., São Paulo, Editora UNESP, 2008. O capítulo 4, “Abolicionismo. Primeira fase: 1850-1871”, desenvolve detalhadamente os aspectos apontados aqui.

A atividade literária representou, no século XIX, uma forma de determinar e definir a história nacional. O romantismo foi o movimento que deu força a esse sentimento nacionalista, transformando-o em um valor. No caso da história brasileira, a partir do processo de independência, os escritores se depararam com a dificuldade de se definir as raízes nacionais. Dessa busca nasceu o interesse pelo índio e pelo homem do interior do país – objetos das linhas indianista e regionalista a que o romance de folhetim brasileiro havia chegado. A figura do negro, porém, não foi trabalhada com o mesmo enfoque nacionalista o que evidencia a contradição existente entre a escravidão e o projeto romântico de fundação da nacionalidade por meio da literatura.

Como se sabe, o romantismo foi marcado pelo desejo de liberdade estética e pela necessidade de se definir um caráter nacional brasileiro. O nacionalismo era um *valor* que deveria ser trabalhado nas obras literárias. Quando se analisa, no entanto, a sociedade e a literatura do período, percebe-se um descompasso: como um movimento que prega a liberdade acima de tudo pôde se interessar apenas pelo índio e ser conivente com o problema da escravidão? Ou ainda, como um movimento que buscava uma consciência nacional esquecia a contribuição do negro para a cultura brasileira?

Na década de 1870, a poesia de Castro Alves teve um papel importante na denúncia dos males da escravidão, mas quando se analisa a figura do escravo na prosa e no teatro até esse período, observa-se que ela é sempre secundária. É peculiar que a única obra com um escravo como personagem principal, *A Escrava Isaura*, de Bernardo Guimarães, publicada em 1875, apresente uma escrava branca e caracterizada como uma heroína típica de folhetins europeus.

A representação problemática do escravo na prosa romântica pode ser explicada por um desinteresse em transformar o negro em herói. De fato, para o público da época não parecia interessante sentar-se para ler a história de um simples escravo: que complexidade essa figura poderia ter aos olhos do público? O que se pode perceber, porém, é que essa postura dos escritores tem raízes na configuração do trabalho naquele período: o negro não seria “representável”, não constituiria um personagem com complexidade psicológica porque sua vida está atrelada ao trabalho. Isto é, não há uma outra esfera – cultural, social, psicológica – que pudesse servir de interesse ao escritor e ao leitor. Dessa forma, a obra de Bernardo Guimarães só tem sentido ao mostrar uma escrava que é praticamente uma sinhazinha da casa-grande. Isaura é ‘representável’ porque está ‘perdida’ na senzala quando seu lugar deveria ser a casa senhorial.

No caso de *As vítimas-algozes*, os negros escravos são personagens principais, mas não são exatamente heróis – servem apenas como representações da instituição da escravidão. Superficiais, essas personagens fracas (do ponto de vista da criação literária) expõem um pouco da ideologia das décadas de 1860 e 1870. Distante do discurso abolicionista que conhecemos pelo trabalho de outros intelectuais, aqui, a escravidão é tida como “um mal enorme que afeia, infecciona, avilta, deturpa e corrói a nossa sociedade, a que [não obstante] a nossa sociedade ainda se apega”. A denúncia da escravidão não parte da figura do escravo sofredor, mas do mal que este pode trazer para seu dono. O escritor tem a clara intenção de “esclarecer o público sobre as altas conveniências, e as santas e irrecusáveis lições filosóficas que condenam a escravidão”.

Dessa forma, o escravo criado por Macedo é “um homem que a escravidão tornou peste ou fera”. A partir das afirmações do narrador, entende-se que o negro é originalmente bom, mas transformado em algoz a partir do momento em que é vítima de um sistema que o corrompe:

A fonte do mal que é mais negra do que a cor desses infelizes, é a escravidão, a consciência desse estado violenta e barbaramente imposto, estado lúgubre, revoltante, condição ignóbil, mãe do ódio, pústula encerradora de raiva, pantanal dos vícios mais torpes que o degeneram, infeccionam e tornam perverso (...) o coração do escravo.

As atrocidades cometidas pelos senhores contra seus escravos não são sequer apresentadas pelo narrador, fato que reforça o mito da benevolência e da virtude dos costumes patriarcais brasileiros. Uma afirmação do narrador, no capítulo XXII, evidencia isso: “Nunca em parte alguma do mundo houve senhores mais humanos e complacentes do que no Brasil”.

O fato de a novela em questão focalizar a história de um escravo que circulava pelo espaço privado da casa-grande é sintomático para se entender o que Macedo propõe nesse libelo. Na *História da Vida Privada no Brasil*, Luis Felipe de Alencastro cita um caso – veiculado pelo *Jornal do Commercio* – de uma escrava que matou por envenenamento parte de uma família, para justificar que a “ordem pública da corte não podia mais ser garantida por causa da desordem privada escravista”<sup>5</sup>. Para o autor, o caso evidencia “a crise da escravidão doméstica e os perigos que dela decorriam”. A afirmação pode bem servir como justificativa para as ideias defendidas por Joaquim Manuel de Macedo. Para este, a escravidão era um “cancro” que ia dominando a sociedade. Por isso, a ideia que predomina nas novelas de *As*

---

<sup>5</sup> ALENCASTRO, Luiz Felipe de. “Vida privada e ordem privada no Império”. In: *História da Vida Privada no Brasil*. Império. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 91.

*vítimas-algozes* é a de que a abolição é necessária, não por questões humanitárias, mas porque os cativos, em contato com esfera doméstica, corrompem física e moralmente a família:

O tom que Macedo emprega em seu discurso é quase sempre didático. A intenção do escritor é persuadir seu leitor, convencê-lo do perigo que os escravos podem representar para as elites. Célia Marinho de Azevedo em seu *Onda Negra, Medo Branco*<sup>6</sup> se propõe a discutir esse imaginário a respeito do negro. No capítulo sobre as formas de resistência empreendidas pelos escravos, a historiadora nos dá pistas para se entender essa situação:

Na virada das décadas de 1860 e 1870, os relatórios dos chefes de polícia dirigidos aos presidentes de província expressavam uma crescente preocupação com as lutas de escravos. Individualmente ou em pequenos grupos, de forma premeditada ou não, eles se revoltavam e matavam (...) como se julgassem de seu direito matar quem os oprimia. (...) Assim, ao longo da década de 1870, grande parte das atenções das autoridades policiais convergia para a questão dos crimes diários de escravos contra senhores, administradores, feitores e respectivas famílias. (...) Comparando-se os relatórios das décadas de 1860 e 1870 é possível perceber, a partir dos primeiros anos desta última, um acirramento geral das lutas dos escravos contra seus senhores, a julgar pelos grandes espaços ocupados pela descrição de crimes e revoltas, tanto nos itens especialmente dedicados ao assunto, quanto na sua inclusão entre os ‘crimes notáveis’ registrados de forma detalhada.” (p. 180-181; 184)

Ficam evidentes, assim, os fatores constituintes desse “imaginário do medo”. O temor das elites em relação aos negros era alimentado pelo grande número de crimes de escravos apresentados diariamente pela imprensa. É esse contexto social conturbado, em que os escravos desenvolviam estratégias de resistência, criando nas elites uma sensação de instabilidade.

Esse “perigo negro” presente nesta obra de Joaquim Manuel de Macedo também foi tratada por Flora Süssekind em seu ensaio “As Vítimas-Algozes e o imaginário do medo”<sup>7</sup>. Nele, a pesquisadora defende que essas novelas tendem muito mais ao *documento* que à *ficção*, à *literatura*. Isso porque a obra revela artifícios que não são tão presentes nos seus romances românticos. Um deles é o artificialismo na criação das personagens – todas elas não apresentam adensamento psicológico e representam não os *sujeitos* (o escravo, o senhor), mas

---

<sup>6</sup> AZEVEDO, Célia Marinho de Azevedo. *Onda Negra, Medo Branco*. O negro no imaginário das elites – século XIX. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

<sup>7</sup> SÜSSEKIND, Flora. “As vítimas-algozes e o imaginário do medo”. *Papéis Colados*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1993 (também publicado como estudo introdutório do volume MACEDO, Joaquim Manuel de. *As vítimas-algozes*. São Paulo: Scipione, 1991).

as *instituições* (a escravidão, a elite escravocrata). Outro aspecto é a tendência à explicação minuciosa de seu objetivo – a todo momento o narrador comenta o fato narrado, induz o leitor a concordar com os apontamentos do seu prólogo. Flora dedica-se a analisar esses aspectos mais detidamente na novela *Pai Raiol, o feiticeiro*, mas eles se aplicam também a *Simeão, o crioulo*. Macedo não se contenta em expor a história de Simeão e deixar que o leitor tire suas próprias conclusões – direciona a interpretação na conclusão dessa novela (cf. trecho supracitado e anexos).

## *Uma denúncia conservadora*

A análise do enredo de *Simeão, o crioulo* permite afirmar que a denúncia que Macedo faz da escravidão é uma denúncia conservadora, cujo destinatário é a classe dos senhores de escravos. No prólogo “Aos nossos leitores”, o narrador evidencia certa cumplicidade ao afirmar: “o escravo que vamos expor aos vossos olhos é o escravo de *nossas* casas e de *nossas* fazendas” (grifos nossos). No terceiro capítulo, fica claro a quem o escritor se dirige: “Muitos dos leitores deste romance a encontrarão realizada, viva, eloqüentemente exposta no seio de seu lar doméstico”. A cumplicidade e proximidade que o narrador imprime ao que será contado é um aspecto importante para a persuasão do leitor.

Para a opinião pública da época, o trabalho escravo parecia constituir, portanto, um empecilho ao desenvolvimento do País porque maculava a família, expunha-a ao medo e à violência do cativo. O “perigo negro” era cada dia mais conhecido – e mais temido. Dessa maneira, o discurso do autor de Joaquim Manuel de Macedo reflete o imaginário e a ideologia das classes dirigentes do Brasil da segunda metade do século XIX.

## BIBLIOGRAFIA

- ALENCASTRO, Luiz Felipe de. “Vida privada e ordem privada no Império”. In: *História da Vida Privada no Brasil: Império*. NOVAIS, Fernando (coord.); ALENCASTRO, L. F. (org.). São Paulo: Companhia das Letras, 1997
- AMORA, Antônio Soares. *A literatura brasileira: O Romantismo*. São Paulo, Cultrix, 1977
- ANDRADE, Priscila Rampin de. “Entre a História e a Política: Joaquim Manuel de Macedo e a construção do Estado-nacional brasileiro”. In: *Anais do XIX Encontro Regional de História: poder, violência e exclusão*. ANPUH/SP – USP. São Paulo, 08 a 12 de setembro de 2008. Cd-Rom.
- AZEVEDO, Célia Marinho de Azevedo. “O ‘não quero’ dos escravos”. *Onda Negra, Medo Branco*. O negro no imaginário das elites – século XIX. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987
- BOSI, Alfredo. “A escravidão entre dois liberalismos”. *Dialética da Colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992
- CANDIDO, Antônio. “O honrado e facundo Joaquim Manuel de Macedo”. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. 11ª ed. Rio de Janeiro, Ouro Sobre Azul, 2007
- COSTA, Emilia Viotti da. *A Abolição*. 8ª. ed. rev. e ampl. São Paulo: Editora UNESP, 2008
- MACEDO, Joaquim Manuel de. *As vítimas-algozes*. São Paulo: Scipione, 1991
- MACEDO, Joaquim Manuel de. *As vítimas-algozes*. Versão disponível no site: [http://pt.wikisource.org/wiki/As\\_Vítimas-Algozes](http://pt.wikisource.org/wiki/As_Vítimas-Algozes)
- PINHEIRO, Alexandra Santos. “O crítico/cronista Joaquim Manuel de Macedo: um Velho no Rio de Janeiro”. In: *Inventário*. Revista dos Estudantes do Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística da UFBA. 3ª ed., ISSN 16791347. Disponível em: [www.inventario.ufba.br/03.htm](http://www.inventario.ufba.br/03.htm). Acesso em: 30 maio 2007
- SALIBA, Elias Thomé. *As utopias românticas*. São Paulo: Brasiliense, 1991
- SCWARCZ, Lilia Moritz. “Os Institutos Históricos e Geográficos – ‘guardiões da História Oficial’”. *O Espetáculo das Raças*. Cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930). São Paulo: Companhia das Letras, 1993
- SEVCENKO, Nicolau. “O exercício intelectual como atitude política: os escritores cidadãos”. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na primeira República*. 2ª ed. São Paulo, Companhia das Letras, 2003
- SÜSSEKIND, Flora. “As vítimas-algozes e o imaginário do medo”. *Papéis Colados*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1993

## ANEXOS: trechos de *Simeão, o crioulo*

(extraído de [http://pt.wikisource.org/wiki/As\\_V%C3%ADtimas-Algozes](http://pt.wikisource.org/wiki/As_V%C3%ADtimas-Algozes))

Os capítulos aqui apresentados permitem-nos analisar um pouco o discurso de Joaquim Manuel de Macedo e contextualizar melhor este trabalho. Os trechos selecionados são os seguintes:

*Capítulo I*: apresentação do cenário – a venda em que os escravos se reúnem

*Capítulo II e III*: apresentação e caracterização do escravo Simeão

*Capítulo XII*: momento em que Simeão trama contra a família

*Capítulo XXII*: momento que antecede o ataque do escravo

*Capítulo XXIII*: trecho que apresenta a invasão à casa senhorial

*Conclusão*: momento em que o direcionamento da interpretação é bem mais evidente.

### I

No interior e principalmente longe da vila, ou da freguesia e dos povoados há quase sempre uma venda perto da fazenda: é a parasita que se apega à árvore; pior que isso, é a inimiga hipócrita que rende vassalagem à sua vítima.

A venda de que falo é uma taberna especialíssima que não poderia existir, manter-se, medrar em outras condições locais, e em outras condições do trabalho rural, e nem se confunde com a taberna regular que em toda parte se encontra, quanto mais com as casas de grande ou pequeno comércio, onde os lavradores ricos e pobres se provêm do que precisa a casa, quando não lhes é possível esperar pelas remessas dos seus consignatários ou fregueses.

Essa parasita das fazendas e estabelecimentos agrícolas das vizinhanças facilmente se pode conhecer por suas feições e modos característicos, se nos é lícito dizer assim: uma se parece com todas e não há hipótese em que alguma delas, por mais dissimulada que seja, chegue a perder o caráter da família.

É uma pequena casa de taipa e coberta de telha, tendo às vezes na frente varanda aberta pelos três lados,

também coberta de telha e com o teto sustido por esteios fortes, mas rudes e ainda mesmo tortos; as paredes nem sempre são caiadas, o chão não tem assoalho nem ladrilho; quando há varanda, abrem-se para ela uma porta e uma janela; dentro está a venda: entre a porta e a janela encostado à parede um banco de pau, defronte um balcão tosco e no bojo ou no espaço que se vê além, grotesca armação de tábuas contendo garrafas, botijas, latas de tabaco em pó, a um canto algumas voltas de fumo em rolo e uma ruim manta de carne-seca. Eis a venda.

Há muitas que nem chegam à opulência da que aí fica descrita; em todas porém aparece humilde no fundo do quase vazio bojo a porta baixa que comunica pelo corredor imundo com dois ou mais quartos escuros, onde se recolhem as pingues colheitas agrícolas do vendelhão que aliás não tem lavoura.

A venda é pouco freqüentada à luz do sol nos dias de serviço; nunca porém, ou raramente se acha solitária: ainda nesses mesmos dias de santo dever do trabalho, homens ociosos, vadios e turbulentos jogam ao balcão com um baralho de cartas machucadas, enegrecidas e como oleosas desde a manhã até o fim da tarde, e é milagre

faltar algum incansável tocador de viola; mas apenas chega a noite, começa a concorrência e ferve o negócio.

Explorador das trevas protetoras dos vícios e do crime, o vendelhão baixo, ignóbil, sem consciência, paga com abuso duplo e escandaloso a garrafas de aguardente, a rolos de fumo, e a chorados vinténs o café, o açúcar e os cereais que os escravos furtam aos senhores; e cúmplice no furto efetuado pelos escravos, é ladrão por sua vez, roubando a estes nas medidas e no preço dos gêneros.

A venda não dorme: às horas mortas da noite vêm os quilombolas escravos fugidos e acoitados nas florestas, trazer o tributo de suas depredações nas roças vizinhas ou distantes ao vendelhão que apura nelas segunda colheita do que não semeou e que tem sempre de reserva para os quilombolas recursos de alimentação de que eles não podem prescindir, e também não raras vezes a pólvora e o chumbo para a resistência nos casos de ataque aos quilombos.

E o vendelhão é em regra a vigilância protetora do quilombola e o seu espião dissimulado que tem interesse em contrariar a polícia, ou as diligências dos senhores no encalço dos escravos fugidos.

Desprezível e nociva durante o dia, a venda é esquálida, medonha, criminosa e atroz durante a noite: os escravos, que aí então se reúnem, embebedam-se, espancam-se, tornando-se muitos incapazes de trabalhar na manhã seguinte; misturam as rixas e as pancadas com a conversação mais indecente sob o caráter e a vida de seus senhores, cuja reputação é ultrajada ao som de gargalhadas selvagens: inspirados pelo ódio, pelo horror, pelos sofrimentos inseparáveis da escravidão, se expandem em calúnias terríveis que às vezes chegam até a honra das esposas e das filhas dos senhores; atizam a raiva que todos eles têm dos feitores,

contando histórias lúgubres de castigos exagerados e de cruelíssimas vinganças, a cuja idéia se habituam; em sua credulidade estúpida e ilimitada esses desgraçados escutam boquiabertos a relação dos prodígios do feitiço, e se emprazam para as reuniões noturnas dos feiteiros; e uns finalmente aprendem com outros mais sabidos a conhecer plantas malélicas, raízes venenosas que produzem a loucura ou dão a morte, e tudo isto e muito mais ainda envolta com a embriaguez, com a desordem, com o quadro da abjeção e do desavergonhamento já natural nas palavras, nas ações, nos gozos do escravo.

Aos domingos e nos dias santificados, a venda tem centuplicadas as suas glórias nefandas, aproveita a luz e as trevas, o dia e a noite, e por isso mesmo cada lavrador conta de menos na roça e demais na enfermaria alguns escravos na manhã do dia que se segue.

De ordinário, pelo menos muitas vezes, é nessas reuniões, é nesse foco de peste moral que se premeditam e planejam os crimes que ensangüentam e alvoroçam as fazendas. Na hipótese de uma insurreição de escravos, a venda nunca seria alheia ao tremendo acontecimento.

Todavia tolera-se a venda: o governo não pode ignorar, a polícia local sabe, os fazendeiros e lavradores conhecem e sentem que essa espelunca ignóbil é fonte de vícios e de crimes, manancial turvo e hediondo de profunda corrupção, constante ameaça à propriedade, patíbulo da reputação, e em certos casos forja de arma assassina; porque é e será sempre o ponto de ajuntamento de escravos onde se conspire ou se inicie a conspiração; e ainda assim a venda subsiste e não há força capaz de aniquilá-la.

Porquê?...

É que se proibissem a venda, de que trato, se lhe fechassem a porta, se lhe destruíssem o teto, ela renasceria

com outro nome, e, como quer que fosse, e, onde quer que fosse, havia de manter-se, embora dissimulada e abusivamente.

A lógica é implacável.

Não é possível que haja escravos sem todas as conseqüências escandalosas da escravidão: querer a úlcera sem o pus, o cancro sem a podridão é loucura ou capricho infantil.

Perigosa e repugnante por certo, e ainda assim não das mais formidáveis conseqüências da escravidão, a venda de que estou falando é inevitável; porque nasce da vida, das condições, e das exigências irresistíveis da situação dos escravos.

A venda é o espelho que retrata ao vivo o rosto e o espírito da escravidão.

Se não fosse, se não se chamasse venda, teria outro e mil nomes no patuá do escravo; seria uma casa no deserto, um sítio nas brenhas; estaria na gruta da floresta, em um antro tomado às feras, mas onde iria sempre o escravo, o quilombola, vender o furto, embriagar-se, ultrajar a honra do senhor e de sua família, a quem detesta, engolfar-se em vícios, ouvir conselhos envenenados, inflamar-se em ódio, e habituar-se à idéia do crime filho da vingança; porque o escravo, por melhor que seja tratado, é, em regra geral, pelo fato de ser escravo, sempre e natural e logicamente o primeiro e mais rancoroso inimigo de seu senhor.

O escravo precisa dar expansão à sua raiva, que ferve incessante, e esquecer por momentos ou horas as misérias e os tormentos insondáveis da escravidão; é na venda que ele se expande e esquece; aí o ódio fala licencioso e a aguardente afoga em vapores e no atordoamento a memória.

Entretanto, a venda é horrível; é o recinto da assembléia selvagem dos escravos, onde se eleva a tribuna malvada da lascívia feroz, da difamação nojenta e do crime sem suscetibilidade de remorso; ali a matrona veneranda, a

esposa honesta, a donzela-anjo são julgadas e medidas pela bitola da moralidade dos escravos; o aleive é aplaudido e sancionado como verdade provada, e o aleive se lança com as formas esqueléticas da selvatiqueza que fala com a eloqüência do rancor sublimizado pelo álcool; ali se acendem fúrias contra os feitores e os senhores: ali se rouba a fazenda e se fazem votos ferozes pela morte daqueles que se detestam, porque, é impossível negá-lo, são opressores.

E não há para suprimir a venda, essa venda fatal, que rouba, desmoraliza, corrompe, calunia e às vezes mata, senão um só, um único meio: é suprimir a escravidão.

Não há; porque a venda está intimamente presa, imprescindivelmente adunada à vida do escravo; sem ela, os suicídios dos escravos espantariam pelas suas proporções.

Onde houver fazendas, haverá por força a venda perversa, ameaçadora, infamíssima, como a tenho descrito e a conhecem todos, sem exceção, todos os lavradores.

Não há rei sem trono, não há família sem lar, nem aves sem ninho, nem fera sem antro; o trono, o lar, o ninho, o antro do escravo é, antes da senzala, a venda.

A venda, que vos parece apenas repugnante, corruptora, ladra e infame, é, ainda mais, formidável e atroz; mas em todos esses atributos digna, legítima filha da escravidão, que a gerou, criou, sustenta, impõe, e que há de mantê-la arraigada à sua existência.

É um mal absolutamente dependente, porém inseparável de outro mal; não é causa, é efeito; não é árvore, é fruto de árvore.

Se quiserdes suprimir a venda-inferno, haveis de suprimir primeiro a escravidão-demônio.

## II

Era em uma dessas vendas sinistras como a que acabamos de descrever.

O sítio era solitário; a estrada rompia pelo meio vasta floresta que cortava sinuosa, e, descendo declive suave, ia atravessar tênue corrente d'água alimentada por brejal vizinho e de novo se perdia, como embebendo-se no seio do bosque.

A venda mostrava-se triste à beira da estrada, que em sua frente se alargava cerca de seis ou oito braças; tinha ao lado direito o brejal a estender-se para trás, e ao esquerdo e pegada à casa uma rude tranqueira de pau, dando entrada para um terreiro imundo, que se adiantava pouco além da cozinha. Não havia criação no terreiro; apenas a ele se recolhiam à noite um porco, que chafurdava na lama, e um casal de patos, que grasnavam no brejo.

A venda se isolava na solidão, mas não longe de fazendas e sítios, que se anunciavam de madrugada pelo cantar dos galos, à tarde pelo mugir dos bois, à noite pelo latir dos cães.

Os cavaleiros e viandantes que passavam às vezes durante o dia, não se lembravam nunca de chegar-se ou parar àquela venda desprezível, onde em compensação faziam sempre estação demorada os escravos carreiros ou tropeiros que iam ou voltavam, conduzindo gêneros.

Entretanto, aquele teto miserável, albergue de vícios e torpezas, jamais se achava em abandono de fregueses.

Há poucos anos, em um dia calmoso do mês de fevereiro, viam-se às três horas da tarde nessa venda certas figuras, formando um quadro quase constantemente ali observado com insignificantes modificações até a hora do negro concurso noturno.

Para dentro do balcão estava um menino de doze anos, de pés no chão, vestido de calças e camisa que desde um mês não mudava, e cuja cor e

qualidade do pano escapariam ao mais teimoso exame; era o caixeiro mandrião, e já perdido pela desmoralização, pela incontinência da palavra e pela convivência com os vadios e os escravos. À porta da venda via-se em pé a olhar a estrada um homem de meia-idade, cabeludo, amarelo, em mangas de camisa com o colarinho desabotoado, o peito à mostra, e calçando grandes tamancos: era o vendelhão.

Em uma extremidade do balcão sentava-se um homem avelhantado, tendo as pernas pendidas, os pés descalços, os vestidos remendados, um velho chapéu de palha na cabeça, e ao peito uma viola, em que tocava de contínuo as músicas rudes dos fados. Na outra extremidade do balcão quatro sujeitos moços quase todos, um ainda imberbe, todos quatro mais ou menos miseravelmente vestidos, jogavam o *pacau*, rixando a todo momento, e não se poupando acusações de furtos e de fraude no jogo.

Um último freguês enfim, figura sinistra, tendo olhos de tigre, boca, por assim dizer, sem lábios, e com imensa barba malcuidada, parecia dormir estendido em um banco de pau defronte do balcão.

De espaço em espaço a aguardente inspirava o tocador de viola e animava os jogadores.

Às quatro horas da tarde um cavalo, correndo à desfilada, veio estacar à porta da venda, pondo-se o cavaleiro de um salto no chão.

O cavaleiro era um crioulo escravo ainda muito jovem.

— Oh!... O grande Simeão!... - exclamou o vendelhão, abraçando o escravo.

— Uma pinga que estou com muita pressa - disse este, e correu para dentro da venda.

Simeão recebeu logo um copo cheio de aguardente, que bebeu de uma

vez, atirando o resto à cara do menino, que o servira.

### III

Simeão devia ter vinte anos: era um crioulo de raça pura africana, mas cujos caracteres físicos aliás favoravelmente modificados pelo clima e pela influência natural do país onde nascera, não tinham sido ainda afeiados pelos serviços rigorosos da escravidão, embora ele fosse escravo.

Havia em seus modos a expansão que só parece própria do homem livre: ele não tinha nem as mãos calejadas, nem os pés esparramados do negro trabalhador de enxada: era um escravo de cabelos penteados, vestido com asseio e certa faceirice, calçado, falando com os vícios de linguagem triviais no campo, mas sem a bruteza comum na gente da sua condição; até certo ponto, pois, aceito, apadrinhado, protegido e acariciado pela família livre, pelo amor dos senhores.

A história de Simeão tem mil histórias irmãs até aos vinte anos, que ele conta; há de, portanto, trazer à memória mil histórias, como a sua, cheia de desgostos e de ressentimentos de ingratidão, que aliás, sem o pensar, os benfeitores cimentam. A história que vai seguir-se depois dos vinte anos talvez lembre alguma infelizmente mais ou menos semelhante, e cujo horror é somente um dos frutos e dos horrores da escravidão.

Sementeira de venenosos espinhos, a escravidão não pode produzir flores inocentes.

A história de Simeão ainda não criminoso é simples: muitos dos leitores deste romance a encontrarão realizada, viva, eloquentemente exposta no seio de seu lar doméstico.

Domingos Caetano teve de sua mulher muito e bem merecidamente amada uma filha que satisfizera os doces votos de ambos. Angélica, a

nobre esposa e virtuosa mulher, não pôde ter a dita de amamentar o seu anjo, e confiou-o aos peitos de uma escrava que acabava de ser mãe como ela: a escrava que amamentara dois filhos, o próprio e o da senhora, morreu dois anos depois, e Angélica pagou-lhe a amamentação da sua querida Florinda, criando com amor maternal o crioulinho Simeão, colaço de sua filha.

A compaixão e o reconhecimento em breve se transformaram em verdadeira afeição: o crioulo era esperto e engraçado, começou fazendo rir, acabou fazendo-se amar. Simeão divertia, dava encanto às travessuras de Florinda: Domingos Caetano e Angélica o amaram em dobro por isso.

Até os oito anos de idade Simeão teve prato à mesa e leito no quarto de seus senhores, e não teve consciência de sua condição de escravo. Depois dos oito anos apenas foi privado da mesa e do quarto em comum; continuou, porém, a receber tratamento de filho adotivo, mas criado com amor desmazelado e imprudente, e cresceu enfim sem hábito de trabalho, abusando muitas vezes da fraqueza dos senhores, sem atingir a dignidade de homem livre, e sem reconhecer nem sentir a absoluta submissão do escravo.

Era o tipo mais perfeito do crioulo, cria estimada da família

(...)

### XII

À noite, mas um pouco tarde, Simeão corria à venda para compensar-se da tarefa diária junto do velho paralítico.

Depois das dez horas da noite a venda achava-se sempre fechada; a porta, porém, abria-se pronta à voz de frequêz conhecido. Dentro era certa a reunião de escravos e da pior gente livre da terra.

Simeão preludiava com a conversação e com o jogo devassidões subseqüentes. A conversação era animada: na venda sabia-se de tudo, e a vida íntima das famílias se despedaçava ali aos dentes ferozes dos escravos, os atraidores e caluniadores das casas.

A moléstia de Domingos Caetano e suas inesperadas melhoras tinham sido por muitas vezes discutidas.

Muitos lamentaram Simeão pelo adiamento da sua alforria: os escravos zombavam dele.

Um só homem soube consolá-lo com um raio de esperança: foi o homem de imensa barba que vimos dormindo no banco da venda no dia em que Simeão fora mandado a chamar o médico.

José Borges, que aliás era mais conhecido por José Barbudo, ou simplesmente por - Barbudo - tinha dito a Simeão:

— Ataque de cabeça, quando deixa sinal, não tarda a voltar.

O aforismo popular, que José Borges repetira, ficou na memória do crioulo que depois por mais de uma vez consultou o seu aforista.

E o Barbudo começava a interessar-se muito por Simeão, com quem estreitara amizade, acompanhando-o em suas excursões noturnas, e partilhando seus deboches.

O companheiro não podia ser pior: José Barbudo era uma celebridade turbulenta e suspeitosa; mais de uma acusação de crime pesava sobre sua cabeça, e pretendiam que havia em sua vida nódoas de sangue.

Nenhum freguês da venda se atrevia a negar um copo de aguardente ao Barbudo e menos ainda exagerar com ele a disputa no jogo. O Barbudo tinha sua fama.

Até então quase indiferente a Simeão, tornara-se em poucos dias seu íntimo camarada, e sempre que estavam juntos embebia nele seus olhos de tigre como serpente a magnetizar a presa.

Era fácil de explicar aquela súbita amizade do Barbudo.

O escravo é a matéria-prima com que se preparam crimes horríveis que espantam a nossa sociedade. No empenho de seduzir um escravo para torná-lo cúmplice no mais atroz atentado, metade do trabalho do sedutor está previamente feito pelo fato da escravidão.

Não há, não pode haver escravidão sem a idéia da vingança, sem o sentimento do ódio a envenenar as almas dos escravos, e a vingança e o ódio têm sempre chegado de antemão à metade da viagem, quando soa a hora infernal da marcha pelo caminho do crime.

Mas o Barbudo não deixava entrever projeto algum criminoso: bom amigo de Simeão, apenas manifestava por ele afeição e interesse.

Uma noite, por exemplo, levou o crioulo a conversar no terreiro da venda.

Depois de fácil ajuste para um de seus freqüentes deboches em senzalas de escravas e sítios ocupados por gente depravada, o Barbudo perguntou:

— Simeão, donde diabo veio o favor que conseguiste de teus senhores? Olha que deveras eles te estimam!

— Minha mãe foi ama-de-leite da menina - respondeu o crioulo.

Fora de casa Simeão mudava o tratamento que por costume e lição recebida prestava a seus senhores: a Domingos Caetano, em vez de meu senhor, chamava - o velho - , a Angélica, em vez de minha senhora, chamava - a velha - , a Florinda, em vez de sinhá-moça, chamava - a menina.

O Barbudo tornou dizendo:

— Ah! Era de razão; mas com os diabos! Se morrer o velho, a liberdade que ele te vai deixar tem ares de benção seguida de pontapé!

— Como assim?

— Não te mandaram ensinar ofício, fizeram de ti um famoso vadio, como eu, e agora se vieres a ficar forro,

escorregarás da alforria para a miséria... hem?...

— Penso às vezes nisso, Barbudo; mas...

— Mas o quê?...

— E que a liberdade sempre é a liberdade! No dia em que me achar forro, cresço um palmo.

— Boa consolação! Não serás capaz de viver liberto, como vives escravo: tu passas um vidão.

— Talvez; mas sou escravo; este nome quando soa, fura-me os ouvidos, como se fosse um estoque envenenado...

— Não me venhas com essa; eu sei o que esperas: o velho é rico a abarrotar, e sabes e contas que te deixará com a liberdade dinheiro bastante para o princípio de algum negociozinho.

Simeão sacudiu a cabeça tristemente e disse:

— Liberdade sim... dinheiro não: é certo que o dinheiro anda lá em sacos; mas o velho é unha-de-fome, e nunca falou senão em ajuntar fortuna para a menina...

— Com os diabos! Olha, Simeão; acabas em cachorro leproso se ficares forro sem dinheiro... coitado do Simeão! Que injustiça! Quando pouco te bastava, e há tantos... tantos sacos...

— Muitos... - murmurou o crioulo com voz surda.

— Que lorpa de velho! Com os diabos! E o sovina não tem medo dos ladrões?

— Ladrões? Que iriam lá fazer?... A casa da fazenda é uma fortaleza.

— Só assim; mas não há fortaleza que não se renda.

— Aquela somente por traição.

O Barbudo sorriu-se sinistramente; mas o crioulo não lhe viu o rir medonho; porque a noite era escura.

— Que nos importa a fortaleza?... Que o diabo a leve e também ao velho contanto que ele te contemple com algum dinheiro no seu testamento; do contrário manda-o pinotear no inferno

pela liberdade miserável em que te abandonarás.

— Com efeito, eu tenho necessidade de dinheiro: já fiz meus planos; negociarei em bestas e cavalos... ganha-se muito nisso

— Mas para principiar o negócio?

— É isso: preciso ter algum dinheiro.

— Olha, Simeão, criado como filho adotivo, tens direito a herdar um pedacinho da fortuna do velho, e eu no teu caso... queres um conselho de amigo?

— Quero, sim.

— Eu, no teu caso, herdava por minhas mãos: morrendo o velho, tirava o meu quinhão; não sejas tolo; se puderes, e há muitos meios, faze-te herdeiro sem te importar o testamento: ninguém sabe quanto o sovina aferrolha, e os mortos não falam. Não sejas tolo.

Simeão não respondeu; mas o Barbudo tinha adivinhado a sua íntima e decidida resolução.

Os dois passearam ainda ao longo do terreiro; mas não conversavam mais. Meditavam ambos, e as almas de ambos banhavam-se em inundação de idéias criminosas.

— Vou-me embora - disse de repente o crioulo.

O Barbudo apertou-lhe a mão, e murmurou-lhe ao ouvido:

— Se em qualquer dificuldade precisares de um companheiro seguro, que valha como dez, lembra-te de mim, e conta com o Barbudo, Simeão.

O crioulo afastou-se sem dizer palavra.

A venda já estava deserta.

Simeão esperou na estrada o Barbudo, e vendo-o sair logo atrás, deixou-o aproximar-se e perguntou-lhe à meia voz:

— Então é certo que o ataque de cabeça, quando deixa sinal, volta sempre?...

— É de regra.

— E demora-se muito a voltar?...

— Quase nunca.

— Leve o diabo o teu quase, Barbudo!

O Barbudo soltou uma gargalhada cínica.

(...)

## **XXII**

A noite dos domingos é um pouco solitária nas fazendas.

Os escravos têm no domingo o seu dia de arremedo da liberdade; de manhã saem a vender o que têm colhido de suas pobres roças e o que têm furtado das roças do senhor; à noite vão aos fados e aos deboches da venda.

Nunca em parte alguma do mundo houve senhores mais humanos complacentes do que no Brasil, onde são raros aqueles que nos domingos contêm presos no horizonte da fazenda os seus escravos; em regra, todos fecham os olhos ao gozo amplo do dia santificado.

Por isso as fazendas são muito mais solitárias aos domingos.

Uma quadrilha de salteadores escolheria de preferência a noite de domingo para atacar a casa de uma fazenda.

Mas em muitas fazendas a casa da família do fazendeiro tem condições e seguranças de fortaleza.

Era assim a casa que Domingos Caetano cuidadosamente fizera construir.

Levantava-se ela no cabeço de um outeiro suave; era assobradada e toda de grossas paredes de pedra; as portas e janelas de rija madeira de lei chapeadas de ferro tinham, além de grandes e fortes fechaduras, cada uma duas traves de ferro, que tornavam quase impossível o arrombamento e pequenas frestas sistematicamente dispostas, por onde era ou seria possível observar sem perigo o agressor externo e atirar sobre ele; entre o assoalho da casa e o chão,

havia imenso e escuro espaçoso vão sem porta para o exterior, mas com entrada no interior da morada, e com respiradouros circulares apertados e defendidos por inabaláveis grades de ferro de modo que, invisível ao inimigo, o fazendeiro dali também poderia matá-lo.

A disposição das senzalas dos escravos assegurava pronto mas nem sempre seguro socorro; porque só a imprudência pode confiar no auxílio leal e dedicado da escravatura que vive oprimida, e a quem naturalmente pouco importa a sorte do senhor.

No terreiro, finalmente, viam-se cães vigilantes, guardas avançadas e fiéis, que ao mesmo tempo arremetem contra o inimigo, e despertam a família que dorme.

De dentro daquela casa um só homem resistiria a vinte salteadores, e somente poderia ser vencido pela traição abrigada sob o mesmo teto.

Sem dúvida, por esta consideração Domingos Caetano tinha adotado o costume de fazer dormir fora da casa da família ainda mesmo os escravos e escravas do serviço doméstico. O próprio Simeão, desde que saíra da segunda infância, tivera o seu quarto, aliás muito cômodo, junto da fábrica, ou do engenho, como ainda se diz.

No interior da casa, e só por exceção, dormiam duas escravas, uma já idosa e que acompanhara Angélica desde menina, tornando-se por isso objeto de sua estima, e Eufêmia, filha dessa mesma escrava e mucama de Florinda.

Eufêmia era na fazenda a amante predileta de Simeão.

À morte de Domingos Caetano não seguira modificação alguma nos costumes da fazenda e da família; o sogro revivia no genro.

Hermano muito acertadamente louvou a prática de fazer dormir fora da casa senhorial todos os escravos; mas

também respeitou a exceção que achara estabelecida.

Às nove horas da noite do domingo os escravos do serviço doméstico retiraram-se; Hermano fechou e trancou todas as portas e janelas, foi dormir tranqüilo e sem cuidados.

A inexpugnável fortaleza estava fechada.

Mas... dentro dela havia ainda escravos.

### **XXIII**

Era meia-noite, quando os cães latiram com furor.

Hermano acordou ao grito de alerta das suas sentinelas, e quis levantar-se do leito; mas o latir dos cães serenou tão depressa e o braço de Florinda pousava tão suave e meigo sobre o seu ombro, que ele não se animou a perturbar o sono da esposa, e em breve adormeceu.

À uma hora da noite souu três vezes seguidas perto da casa o piar sinistro de uma coruja.

Eufêmia, que velava, ergueu-se da esteira e foi, pé por pé, mas trêmula, até a cozinha, que era vasta e que, além da porta fortíssima, tinha ainda uma janela pesada, larga, e inabalável; assegurando-se pelo ouvido atento de não ter sido seguida, estendeu o braço e arranhou a porta.

De fora arranhava também a porta.

Eufêmia dirigiu-se então à janela, desprende sem ruído as duas traves de ferro, com o vestido envolveu a enorme tranca igualmente de ferro para ver se abafava o ranger daquele grilhão da fortaleza, hesitou... tremeu... reanimou-se, e suspendendo a respiração e com ímpeto nervoso deu a volta e destrancou a janela que se abriu em par.

Saltaram logo para dentro quatro homens; o Barbudo, que trazia espingarda e uma grande faca, dois escravos da fazenda seduzidos por Simeão, e este despreendendo ameaçadores machados.

Fora murmuravam surdamente vozes sinistras. Os quatro assaltantes deixavam sócios a cobrir-lhes a retirada.

Os cães não latiam mais; Simeão os tinha trancado facilmente em seu quarto.

O Barbudo passou uma lanterna furta-fogo a Simeão que marchou adiante, ensinando o caminho.

O que em seguida se passou foi horrível.

Chegados à sala de jantar o crioulo mostrou ao lado direito a porta do aposento de Hermano e de Florinda; dois dos perversos, o Barbudo e um dos negros colocaram-se aos lados dessa porta: o outro negro recebeu a lanterna e seguiu a Simeão que avançou para a frente e entrou no quarto de dormir de sua senhora.

Angélica dormia profundamente, e diante dela em uma esteira ressonava a sua escrava estimada, a mãe de Eufêmia.

Simeão aproximou-se do leito, e sem compaixão da fraqueza, sem lembrança dos benefícios, filho celerado da escravidão que é horror, demônio da ingratidão e da perversidade, levantou o machado, e descarregou-o sobre a cabeça de Angélica, que morreu sem expirar.

O machado partira pelo meio a cabeça da protetora e segunda mãe do assassino; mas ao ruído do golpe a velha escrava despertando assombrada, e vendo a cena atroz, soltou um grito pavoroso:

— Simeão!

O negro da lanterna deu tão forte pontapé no estômago da velha escrava que a estirou no chão sem sentidos.

Hermano despertara ao estrépito, percebera luz, adivinhara perigo, e saltando da cama tomara um revólver, e com tanta rapidez se lançou fora do quarto, que escapou aos golpes desfechados pelos dois ladrões que o esperavam à porta.

Mas o Barbudo se atirou sobre o mancebo, e a luta começou; luta desigual de um contra quatro, de um, a quem o revólver falhara, pois que o tinham nesse dia descarregado traiçoeiramente, contra quatro armados e ferozes.

Florinda apareceu em desalinho e ululante, e caiu de joelhos a pedir a vida do marido...

Simeão a viu nesse desalinho, e correu para ela, agarrou-a, e ultrapassando todos os furores do crime, injuriou-a com o contacto de suas mãos devassas e de seus lábios torpes.

Aos gritos de Florinda e à enormidade do insulto, Hermano, já esfaqueado e banhado em sangue, em um arrojado de desesperação, sublime, incrível, com a raiva a lampear-lhe nos olhos, Hércules de um momento, escapou-se aos braços dos três malvados, a um atirou por terra, a outro arrancou a faca, e de um salto foi cravá-la em Simeão que lhe ultrajava a esposa.

Logo porém o Barbudo desfechou um tiro, tiro providencialmente piedoso; porque a bala atravessou dois corações, e Hermano e Florinda caíram mortos ao lado um do outro.

Simeão ficara ferido no ombro.

Tudo isto se passou em dez minutos ao menos.

Mas aos gritos de Florinda, e ao tiro que a matara e ao marido acordou o feitor da fazenda que tocou a rebate, chamando os escravos, que nem todos ausentes, e muitos dos presentes alheios ao atentado, acudiram trazendo por armas foices e machados.

Simeão, esquecendo o golpe que recebera, e o sangue que do ombro lhe corria, deixou um dos negros na sala onde estavam os dois cadáveres e com o Barbudo e o outro negro que levava a lanterna, voltou ao quarto da senhora assassinada, arrombou facilmente a gaveta da velha mesa, e apoderando-se de uma grossa chave, foi ao fundo do quarto, arrancou precipitado uma

cortina de chita que cobria pequena parte da parede e mostrando em grande vão que havia nesta uma caixa de jacarandá chapeada de ferro, abriu rápido duas fechaduras, e escancarou a caixa que estava cheia de pequenos sacos contendo moedas de ouro e prata.

Os três ladrões lançaram-se ao tesouro: ao ruído da colheita dos despojos correu o outro escravo que ficara na sala; imediatamente porém rompeu a vozeria e o estrépito do combate ao pé da casa.

Os quatro miseráveis seguidos de Eufêmia, todos carregados de ouro e prata, fugiram precipitados pela porta da cozinha, e ganharam o campo abandonando os cúmplices, que se batiam.

Só de muito longe assobiaram repetidas vezes anunciando a retirada, e metendo-se logo pelo mato, cada qual cuidando exclusivamente de si.

Simeão contara demais com as suas forças: ferido, e tendo perdido muito sangue, caiu desanimado, quando procurava saltar a cerca da fazenda.

### **Conclusão**

O crime espantosamente horrível não ficou impune. A lei vingou as vítimas.

O Barbudo, Eufêmia e outros cúmplices acham-se na casa da correção pagando sua malvadeza.

Simeão subiu à forca; estrebuchou e morreu debaixo dos pés do carrasco.

A lei de exceção matou o escravo e deixou com vida o Barbudo tão celerado como ele, ou, se é possível, mais celerado que ele.

Tudo isto é profundamente imoral e perverte a sociedade.

É imoral a sociedade que mata; porque ensina a matar.

É imoral a exceção da lei na regra mortífera contra o escravo; porque é uma iniquidade de mais imposta embora pela necessidade de aterrar os escravos,

necessidade que manifesta as aberrações de todas as noções do direito e da justiça, a que a existência da escravidão obriga a sociedade, a quem castiga, e de quem se vinga, corrompendo-a.

É imoral, e deforme; porque é imoral e deforme toda a sociedade, toda a nação, todo o império que conserva e mantém em seu seio a escravidão.

Concluamos.

Simeão foi o mais ingrato e perverso dos homens.

Pois eu vos digo que Simeão, se não fosse escravo, poderia não ter sido nem ingrato, nem perverso.

Há por certo alguns homens livres que são perversos; exemplo: o Barbudo.

Essa perversidade é porém uma exceção no homem livre.

Entre os escravos a ingratidão e a perversidade fazem a regra; e o que não é ingrato nem perverso entra apenas na exceção.

Porquanto, e todos o sabem, a liberdade moraliza, nobilita, e é capaz de fazer virtuoso o homem.

E a escravidão degrada, deprava, e torna o homem capaz dos mais medonhos crimes.

A lei matou Simeão na forca.

A escravidão multiplica os Simeão nas casas e fazendas onde há escravos.

Este Simeão vos horroriza?...

Pois eu vos juro que a forca não o matou de uma vez; ele existe e existirá enquanto existir a escravidão no Brasil.

Se quereis matar Simeão, acabar com Simeão, matai a mãe do crime, acabai com a escravidão.

A forca que matou Simeão é impotente, e inutilmente imoral.

Há só uma forca que vos pode livrar dos escravos ingratos e perversos, dos inimigos que vos cercam em vossas casas.

É a forca santa do carrasco anjo: é a civilização armando a lei que enforque para sempre a escravidão.